Florescer com Mulheres Incríveis: convivência e redes comunitárias guiando outras rotas de cuidado em saúde mental

Mulheres flores

Elaine Marcelina

Mulheres flores

São essas que brotam em toda terra

Feito planta que nasce e cresce em todo tipo de terra

Mulheres flores

Exalam cheiro de rosas, de jasmim, de orquídeas, onze horas

Mulheres flores

São belas, aparentemente frágeis, mas não

Nascem na lama, na beira dos rios, resistem as temperaturas inimagináveis

É dessa mulher flor, dessa flor mulher que falo

Mulher flor, nem sabe que é flor

Que encanta, sabes que é mulher

Que o feminino é uma força suprema

Engendrada com a força do que vem da terra

Ela é bela, mas tem espinhos

Como na roseira

Se não colher como cuidado, tratar

O espinho fura

E está lá a roseira, faceira, belíssima

Pronta! Feito mulher flor

Para ser cuidada com amor, carinho, sentir o cheiro, colher e fazer seu belo cabelo

Sua casa é todo lugar! Você conhece Mulher flor? Não?

Eu conheço! Vou te apresentar. Vem ver! Olhe no espelho!

Viu?

Te apresento a ti, Mulher flor.

Mulheres flores é uma poesia gestada nos encontros, com partilha, permissão, escuta afetiva, acolhimento. Escrita por Elaine Marcelina, Mulheres Flores são versos vivos. Uma corredeira de águas ancestrais que se encontram e crescem juntas, assim como cada encontro entre Mulheres, por essa razão, escrever sobre o trabalho construído no Florescer com Mulheres Incríveis não significa partilhar uma experiência, mas transmitir a força do encontro movido pelo fazer das Mulheres da Zona Oeste. Um fazer que se nos diz de uma pedagogia circular, da Roda, como tecnologia que aponta caminhos de retomada e manutenção de um fazer presente nossas vivências coletivas e ancestrais.

A construção dos encontros se inicia com a confluência entre Mulheres trabalhadoras do SUS, localizadas nos serviços da RAPS, mas, sobretudo, Mulheres que se reconhecem na vivência e reivindicação dos seus territórios. No movimento dos encontros, não localizamos um ponto de partida para o Florescer, mas um processo de continuidade dos nossos fazeres e saberes.

A escolha do nome também representa a força do encontro. Florescer traduz o nosso Tempo de construção, seguindo o ciclo da Primavera, como força da natureza de transformação, realizando um primeiro encontro no dia 22 de setembro de 2023. Mulheres Incríveis representa a confluência com as escrivivências de Elaine Marcelina, mulher de axé, escritora, produtora, historiadora, idealizadora do projeto cultural Kasa da Marcelina, dentre seus livros, nos inspirou com o “Mulheres Incríveis” reunindo registros do cotidiano e histórias de vida de várias mulheres. Elaine é presente na inspiração, criação, construção e sustentação do Florescer com Mulheres Incríveis.

O encontro de mulheres surge do trabalho em rede, compartilhado entre trabalhadoras um Centro de Convivência e Cultura, um Centro de Atenção Psicossocial Infanto-juvenil e um projeto cultural Kasa da Marcelina, dialogando com a possibilidade de ampliação do cuidado em saúde mental, territorializado e em rede, pelos protagonismos dos saberes e fazeres das mulheres, (re)criando outras rotas e redes para um fazer em saúde comunitário.

Florescer com Mulheres Incríveis se organiza semanalmente em encontros abertos às mulheres da comunidade junto às mulheres que realizam acompanhamento nos serviços da RAPS. Mediado com café da manhã colaborativo, roda de conversa, oficinas artísticas e compartilhamento de conhecimentos, objetiva fomentar espaços dialógicos na confluência dos saberes, fazeres e protagonismos, desse modo, a mediação dos encontros acontece não somente pela figura do profissional de saúde, mas na participação de mulheres do território nas suas vivências, seja desenvolvendo projetos sociais, atividades de geração de renda e economia solidária, artistas, escritoras, artesãs, profissionais da rede intersetorial para orientação sobre direitos sociais e políticas de promoção da Mulheres etc, compartilhamento dos saberes ancestrais e principalmente do saber construído pela trajetória de vida.

A construção se orienta pela dimensão Coletiva e desejo de promoção de cuidado, e, no diálogo comum entre histórias de vida e o fazer comunitário, se amplia e se reconhece outras redes de cuidado territorial; contemplamos nesse fazer o vínculo entre as Mulheres, construindo redes de apoio mútuo, afeto, representatividade, proteção, conexões ancestrais e de uma cultura de pertencimento sobre os sentidos diversos que circulam as nossas "Mulheridades".

O lugar do Centro de Convivência e Cultura nesse percurso com o Florescer vem se construindo como lugar de produção de encontros e outras rotas do fazer saúde para a atenção psicossocial, fomentando espaços de sociabilidade contra os estigmas associados “a loucura” e aos processos da medicalização da vida, tendo a convivência como tecnologia de cuidado e produção de outras relações sociais entre os sujeitos, para a intervenção na cultura e na cidade.

Dentre os múltiplos sentidos de convivência, a construção coletiva e dialógica nos ensina sobre o lugar de produção de cuidado construído na relação, horizontal, onde os saberes encontram lugar de assentamento e circulação. Em um dos encontros uma convivente (acompanhada em um CAPS do território) nos ensina sobre o significado de se retirar desse lugar do “usuário” e partilha, em meio as elaborações acerca do cuidado em saúde mental com mulheres, a compreensão sobre: “ter saúde mental é ter direito à felicidade”.

Em seu relato, por muitos anos sua existência foi marcada por características associadas ao diagnóstico e à crise, e, para uma mulher preta e periférica, o atravessamento da “loucura” a reduziu para um lugar de silenciamento; ser nomeada como convivente e no coletivo ser vista como Mulher que “a fala gira na roda” partilhando sua história, retomando seus afetos, desejos e saberes, se transformou em condição fundamental para o reconhecimento que o lugar da fala é ouvir na sua própria voz o sentido de liberdade: *“quando estou nessa roda que eu falo de mim, a minha voz é liberdade e todas as mulheres devem ter isso. Ser feliz.”*

O encontro de Mulheres representa o lugar da convivência na produção do comum que é o movimento da Roda de fazer “a fala girar”, os saberes se encontrarem, dando boas vindas as diferenças que nos qualificam como Mulheres Incríveis e únicas e no ato de recordar e retomar as estratégias de manutenção da vida das nossas ancestralidades, guiando outras rotas e caminhos de cuidados.

Autoras: Jéssica Candido, Mara Fonseca, Elaine Marcelina, Aline Barone, Michelle Lima, Andreza Martins, Ana Maria Monteiro, Lucilena Pedro e Rosa Brito.